

Encontro com uma escultora e uma dançarina em um jardim em Dallas

SILVA, Vânia Myrrha de Paula

Vinha de Minas Gerais com destino a seis dias para saborear Dallas e seus arredores... Logo em minha chegada, encontrei um amigo: Kevin. Um motorista de táxi escolhido por acaso pelo porteiro do hotel. Kevin era alto e forte como um jogador da NBA, extremamente simpático, fazia o possível e o impossível para que eu entendesse seu inglês texano. Ficamos amigos e foi Kevin quem me conduziu por Dallas na semana em que estive por lá. Depois de me conduzir a diversos museus de Dallas por três dias, Kevin disse que iria me levar a lugares diferentes, nos quais os turistas não iam e, assim, passei os dias seguintes guiada, por suas mãos, a pequenos paraísos que as cidades escondem.

Eu me lembro: era uma tarde de maio, um céu esplendidamente azul refletindo nas águas tranquilas do White Rock Lake. Azul era também a cor do lago. Sentada em um banco, no meio de um belo jardim no Dallas Arboretum, encontrei uma linda menina que me fazia companhia. Linda e graciosa, em bronze. Mais, não sabia. Fotografei, procurei daqui e dali e nenhuma informação. Ano: 1999.



FIGURA 1: *Playdays*. Escultura em bronze de Harriet Whitney Frishmuth fotografada por Vânia Myrrha no dia 05 de maio de 1999. *Dallas Arboretum, Dallas, Texas*.

Três anos depois, em uma sala de aula onde se desvendavam os mistérios e as histórias de Frida Kahlo veio, às minhas mãos, um pequeno livro trazendo uma grande descoberta.

Um catálogo de bolso com obras do The National Museum of Women in the Arts, em Washington DC, trouxe para mim, uma foto daquela menina, uma escultura em bronze. Anotei o nome: *Playdays*, artista Harriet

Whitney Frishmuth. Comecei a pesquisar.

De Jim Halperin, art dealer, que vive em Dallas, recebi as seguintes informações por meio de um e-mail: “O bronze é propriedade do Dallas Museum of Art. A modelo era Madeleine Parker, uma menina de 12 anos de idade. A peça foi fundida originalmente com 61 cm, em 1924 (provavelmente uma edição de 24 peças), em seguida foi executada em tamanho maior numa edição reduzida (em torno de seis peças). A escultura ganhou a medalha de prata do Brown & Bigelow em 1925 e a medalha de ouro do Garden Club of America em 1928”.

Então, aquela menina que me fez companhia, naquela tarde, era Madeleine Parker, tinha 12 anos e sua imagem foi preservada em bronze por Harriet Whitney Frishmuth.

À medida que a pesquisa progredia, um mundo de histórias interessantes se abriu para mim: O interesse das mulheres em frequentar as aulas de anatomia, na escola de medicina da Columbia University, em Nova York, em formar grupos de artistas que trabalhavam e expunham juntas, em relacionar a dança e a escultura, além de me levar a lugares peculiares da cidade de Nova York. Descobrir, anos depois, a história daquela menina e da artista que a materializou em bronze, revelou o motivo da sensação de bem-estar que senti naquele lugar. Em meio a um belo jardim, à beira de um lago azul, azul, minhas companhias eram duas mulheres especialmente fascinantes e dedicadas ao mundo da arte.



FIGURA 2: Playdays. Escultura em bronze de Harriet Whitney Frishmuth fotografada por Vânia Myrrha no dia 05 de maio de 1999. Dallas Arboretum, Dallas, Texas.

Mas, quem era Harriet Frishmuth?

Harriet Whitney Frishmuth nasceu na Philadelphia, Pennsylvania, em 17 de setembro de 1880. Pertence a uma geração de escultoras americanas do início do século XX, cujo trabalho foi fortemente influenciado pela arte ensinada em Paris, na Escola de Belas Artes e em ateliês particulares. No início do século XIX, o estilo neoclássico de Antonio Canova e Bertel Thorvaldsen levavam os artistas americanos a procurarem a Itália para

estudar artes. Entretanto, depois da Guerra Civil Americana, em 1866, Paris começou a atrair os jovens artistas. O Neoclassicismo não era mais o estilo dominante e o mármore deu lugar ao bronze como material preferido pelos escultores. Além disso, os escultores começaram a ter mais liberdade para escolher os temas de suas esculturas devido a novos clientes particulares.

Quando seus pais se divorciaram, Harriet estava na adolescência. Sua mãe mudou-se para a Europa com as três filhas, vivendo em Paris e Dresden por oito anos. Quando a irmã mais velha de Harriet retornou para os EUA, ela e sua mãe voltaram para Paris e lá ficaram por vários anos.



FIGURA 3: Harriet Frishmuth, *The Star e Dancers*.

Em Paris, ela estudou com Rodin e Jean-Antoine Injalbert e, após seus estudos, viveu dois anos em Berlim, onde trabalhou com Cuno von Uechtritz-Steinkirch em suas esculturas monumentais, que se encontram em Berlim e em Potsdam. Seu trabalho foi exibido pela Academia Nacional de Design, pela Academia de Belas Artes da Philadelphia e na Exposição de São Francisco (1939/40). Retornando para os Estados Unidos, ela estudou na Art Students League, em New York. Começou a expor em 1908, na National Academy of Design e The Pennsylvania Academy of the Fine Arts. Em 1914, foi eleita membro da National Sculptor Society.

Em 1913, Harriet e sua mãe se mudaram para 6 Sniffen Court, New York, entre as ruas 35 e 36. Um elegante e curioso endereço. Sniffen Court Historic District era formado por dez estábulos que faziam parte de uma

grande fazenda, construídos em 1850 e feitos em tijolos, no estilo neorromânico. Os estábulos foram transformados em residências e estúdios, além de um pequeno teatro The Amateur Comedy Club, em 1920. No final dessa vila, fechando a rua pavimentada, uma parede adornada com cavalos esculpidos identifica a casa da escultora Malvina Hoffman, que também estudou com Rodin e era uma das três mulheres que, junto com Harriet, frequentaram as aulas de anatomia da Faculdade de Medicina da Universidade de Columbia. Para isso, foi necessária uma permissão especial do reitor, pois na época não era permitida a presença de mulheres no laboratório de anatomia. A mãe de Harriet viveu ali até morrer em 1924 e Harriet permaneceu até 1937. Esses foram os anos mais produtivos de seu trabalho.



FIGURA 4: *Sniffen Court Historic District*, Nova York entre as ruas 35 e 36.

Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Sniffen_Court_E36_cloudy_jeh.jpg>. Acesso em: 16 dez 2018

Em 1916, Harriet contratou a bailarina iugoslava Desha Delteil para modelo, primeiro para as aulas de arte de seu estúdio e depois para seu próprio trabalho. No início do século XX, esculturas de mulheres dançando foram produzidas em grande número, inspiradas pelo sucesso de Isadora Duncan, Loie Fuller e Anna Pavlova. Harriet, frequentemente, procurava dançarinas para posar para seus trabalhos com acompanhamento musical. Preferia usar dançarinas como modelo por causa da flexibilidade e resistência que era necessária para posar por um longo período de tempo. Desha dançava enquanto Harriet observava seus movimentos até capturar exatamente a posição que representava melhor o que ela tentava expressar. Foi sua modelo para a maioria das esculturas que fez nos anos 1920. O primeiro grande sucesso da escultora foi o nu feminino *The Vine* de 1921, do qual foram feitas mais de 300 peças.

Outra jovem dançarina americana que posou para Frishmuth foi Madeleine Parker, minha companhia no Dallas Arboretum. Ela nasceu em Fitchburg, Massachusetts, Estados Unidos, em 1912. Começou a aprender balé com 8 anos, seu primeiro professor foi Michel Fokine, um coreógrafo russo que se mudou para os Estados Unidos, em 1919. Madeleine



FIGURA 5: Detalhe *Playdays*. Escultura em bronze de Harriet Whitney Frishmuth fotografada por Vânia Myrrha no dia 05 de maio de 1999. *Dallas Arboretum, Dallas, Texas*.

fez sua estreia no Metropolitan Opera House, Nova York, aos 12 anos de idade e, no mesmo ano, trabalhou como modelo para a obra *Playdays*. De acordo com Jim Halperim, foram fundidas mais de uma peça da escultura. Algumas foram utilizadas em fontes, outras em praças e jardins. No livro de Charles Aronson, *Sculptured Hyacinths* (1973), sobre o trabalho de Frishmuth, sua secretária e companheira, Ruth Talcott, explicou que Parker foi apresentada a Frishmuth por Desha Delteil, que também foi modelo para Frishmuth, em 1916. Como Talcott explicou, Parker e as outras dançarinas chegavam a sugerir a pose para a escultura. Frishmuth perguntou à jovem Madeleine o que ela faria se estivesse em pé sobre uma rocha plana em uma piscina rasa e houvesse sapos por perto. A garota disse que, provavelmente, tentaria fazer cócegas nas costas de um dos sapos, com os pés. Como isso:

Parker estudou com professores diferentes nos Estados Unidos e se apresentou profissionalmente, mas quando chegou aos 20 anos, decidiu tentar a sorte em Hollywood. Apareceu como figurante em dois filmes gravados em 1934, que tinham como tema o balé: *The Night is Young*, estrelado por Evelyn Laye e Ramon Novaro e *Midsummer Night's Dream*, com Dick Powell, Olivia de Havilland e James Cagney. Sua carreira, no cinema, foi breve e no início de 1935, ela se juntou ao Ballets Russes de Monte Carlo, em Los Angeles e partiu para a Inglaterra com a empresa de ballet, no final

daquele ano. Em um tutu branco, cercado por sapatilhas de ponta, ela foi fotografada pelo fotógrafo de celebridades, Sasha, (nome real: Alexander Stewart). A foto foi tirada em Londres e, quanto à data, há controvérsia, seria provavelmente, 1929 ou 1935.

Madeleine, uma americana, recebeu o nome artístico russo Mira Dimina, em 1935, quando se juntou ao Monte Carlo Ballet Russe, uma das empresas teatrais formadas após a morte de Sergei Diaghilev (1872-1929), um empresário artístico russo e fundador dos Ballets Russes, companhias de bailado, a partir das quais muitos dançarinos e coreógrafos famosos surgiram.

Junto à companhia de Ballet Russe, Madeleine, usando o nome Mira Dimina (Mira, nome que significa "paz" nas línguas eslavas), partiu da Inglaterra em um navio, rumo à Austrália, alcançando a costa oeste da Austrália em 6 de outubro de 1936. Madeleine Parker tinha 24 anos quando dançou pela última vez na sua vida. Em sua aparição final em *Les Presages*, representou seu primeiro grande papel, *Frivolity*. Na ocasião, ela substituiu Tatiana Riabouchinska, que havia ficado em Nova York devido ao surto de escarlatina.

Madeleine passou apenas seis semanas na Austrália. De acordo com um relato de viagem de Arnold Haskell, escritor inglês que acompanhou o grupo como crítico, publicitário e conselheiro da gestão do projeto, durante a viagem ficou claro para ele, que Parker não estava bem. Os jornais noticiaram que Madeleine estava sofrendo de uma doença rara, leucemia.

O relato de Haskell sobre a tragédia de Madeleine, publicado pela primeira vez no *The Australian Women's Weekly*, em 1937, foi um ponto de partida para a venda de seu livro de memórias *Dancing Around the World*, publicado em 1938. No livro, ele dedica um capítulo à bailarina: *Madeleine: the life and death of a dancer* e a descreve como uma moça bonita, de aspecto frágil, feições delicadamente modeladas, longas mechas de cabelo cor de milho, uma estranha mistura de ingenuidade e sofisticação.

Madeleine morreu aos 24 anos de idade, em 22 de novembro de 1936, em um hospital particular em Adelaide, durante a primeira turnê da Companhia Ballets Russes, pela Austrália. Foi enterrada no Cemitério West Terrace, em Adelaide.

Em 2009, a Christies vendeu uma das peças, *Playdays* por US \$ 140,5 mil. A casa de leilões explicou, em uma nota que "uma versão de cinquenta e duas polegadas deste trabalho ganhou a Medalha de Ouro do Garden Club



FIGURA 6: Madeleine na turnê da Companhia de Ballets Russes na Austrália. Disponível em: <<https://archive.org/details/dancingaroundwor00hask/page/n57>>. Acesso em: 6 jan 2019

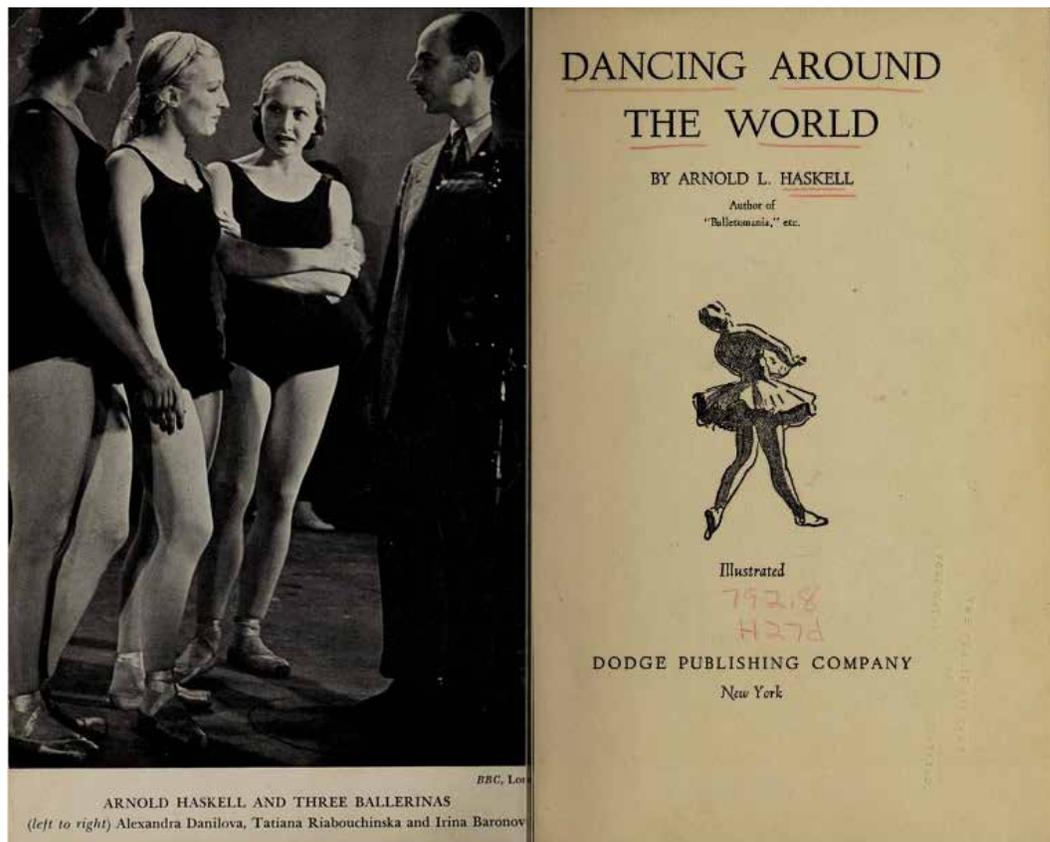


FIGURA 7: Livro *Dancing around the world* de Arnold Haskell. Disponível em: <<https://archive.org/details/dancingaroundwor00hask/page/n9>>. Acesso em: 6 jan 2019.

of America, em 1928”, confirmando a informação de Jim Halperim. Outras cópias de *Playdays* estão localizadas no Museu de Arte de Dallas, no Texas; no Jardim da Sra. Harriman, em Washington DC e na Galeria Frishmuth, Hundred Acres, Arcade, Nova York. O Museu de Arte de Dallas emprestou a peça ao Dallas Arboretum, onde a conheci.

Harriet também participou de um grupo de artistas que, em 17 de fevereiro de 1917, inaugurou uma exposição de 247 pinturas no Art Club of Philadelphia. Foi a primeira, de sessenta e cinco exposições de um grupo, que durou trinta anos, formado apenas por mulheres artistas. Esse grupo, conhecido como *The Philadelphia Ten*, foi formado, principalmente, por alunas da Escola de Design para Mulheres da Philadelphia (PSDW, atualmente, Moore College of Art & Design). Embora, inicialmente, formado por dez artistas, o grupo cresceu e chegou a ter a participação de cerca de 30 pintoras e escultoras.

O grupo *The Philadelphia Ten* se reunia para organizar exposições, trocar ideias, desenhar e pintar, enfim, companhias para almas semelhantes. Harriet participou de algumas dessas exposições para as quais levou a representação do nu artístico que não aparecia nas pinturas do grupo.

O objetivo dessas mulheres era simples: expor seus trabalhos ao mundo, já que haviam sido impedidas de exibi-los em várias instituições públicas. Ao contrário de seus colegas do sexo masculino, as artistas do grupo eram julgadas, principalmente, por seu gênero e não pela habilidade e execução de suas obras de arte. Elas não foram autorizadas a se inscreverem em academias de arte, fato que fez com que PSDW fosse um paraíso para o talento feminino, no início do século XX. Elas não tiveram acesso a modelos,

uma ferramenta instrucional que lhes foi negada, simplesmente porque eram mulheres. Artistas mulheres eram consideradas “diletantes” ou “amadoras” e eram desestimuladas a procurar instrução séria sobre arte. Embora não fossem o primeiro grupo artístico feminino, tiveram um benefício inestimável adquirido pelas organizações que vieram antes dele - o apoio dos pares.

A maioria das artistas do grupo foi considerada impressionista. A escolha do assunto era diversa: englobava pinturas florais, cenas de gênero e vastas paisagens cheias de luz. Numa época em que artistas mulheres eram relegadas à pintura de ateliê, a ideia de mulheres jovens, caminhando por campos e florestas para encontrar a posição perfeita para pintar ao ar livre, era bastante escandalosa.

Eventualmente, as paisagens e naturezas-mortas dessas artistas seriam ofuscadas pelo Modernismo, mas a determinação do The Philadelphia Ten, em ganhar aceitação como verdadeiras contemporâneas de suas contrapartes masculinas, pavimentou o caminho para gerações de mulheres artistas chegarem.

Essa é uma lista parcial das artistas do grupo The Philadelphia Ten:

Eleanor Abrams, Katharine Marie Barker, Theresa Bernstein, Cora S. Brooks, Isabel Branson Cartwright, Constance Cochrane, Mary Russell Russell Ferrell Colton, Arrah Lee Gaul, Lucile Howard, Helen Kiner McCarthy, Katharine Hood McCormick, Maude Drein Bryant, Fern Coppedge, Nancy Maybin Ferguson, Mariana T. MacIntosh, Emma Fordyce MacRae, Mary Elizabeth Price, Elizabeth Wentworth Roberts, Susan Gertrude Schell, Edith Longstreth Wood, Gladys Edgerley Bates, Cornélia Van Auken Chapin, Beatrice Fenton, Harriet Whitney Frishmuth, Genevieve Karr Hamlin, Joan Hartley, Mary Lawser.

Enfim, ao se conhecer um pouco da vida e do trabalho de Harriet, percebe-se que era uma mulher de negócios de sucesso numa época em que isso era muito raro. As conhecidas obras de Frishmuth teriam sido encomendadas como esculturas para fontes e jardins, mas ela também produziu esculturas para memoriais em cemitérios e ornamentos para capôs de automóveis. A artista, frequentemente, empregava bailarinas como modelos, o que foi o caso de Madeleine Parker, que posou para *Call of the Sea* e *Playdays*. Frishmuth descreveu Madeleine como uma menina encantadora, uma bailarina, uma estudante. Ambas as esculturas são elogiadas pelo modo como a artista expressa, em bronze, a exuberância juvenil. Frishmuth entregou seus trabalhos e parte de sua coleção pessoal à Universidade de Syracuse, localizada em Syracuse, Estado de Nova York.

Continuou a produzir suas esculturas até a depressão dos anos 1930 quando fechou seu estúdio em Nova York e voltou para a Philadelphia, fase em que apenas uma escultura ficou conhecida: *Daydreams*. Em uma queda de um andaime em 1940, quando tinha sessenta anos, feriu-se gravemente no ombro, sendo obrigada a interromper seu trabalho. Morreu em 1980, ano de seu centenário, em Southbury, Connecticut.

Em 1999, dezenove anos depois, eu me encontrei com Harriet e Madeleine numa tarde tranquila de uma quarta-feira do mês de maio. Muito azul nas águas e no céu, muitas cores misturadas ao verde do jardim, assim como as histórias daquelas duas mulheres se misturaram com a minha história e se transformaram em um daqueles momentos únicos, que se fazem presente para sempre.

REFERÊNCIAS

ARONSON, Charles N. *Sculptured Hyacinths*. New York: Vantage Press, 1973.

DODD, Loring Holmes. *Golden moments in American Sculpture*. Cambridge, Massachusetts: Dresser, Chapman & Grimes, 1967.

HASKELL, Arnold L. *Dancing around the world*. New York: Dodge Publishing Company, 1938. Disponível em: <<https://archive.org/details/dancingaroundwor00hask/page/n9>>. Acesso em: 28 dez 2018.

PROSKE, Beatrice Gilman. Harriet Whitney Frishmuth, Lyric Sculptor. In: *Aristos - The Journal of Esthetics*. v. 2, n. 5, p. 1, 4-5, jun. 1984. Disponível em: <<https://www.aristos.org/proske.htm>>. Acesso em: 12 nov. 2018.

SMITH, Marion Couthouy. The Art of Harriet Frishmuth. *American Magazine of Art*. New York, volume 16, pp. 474-79, 1925. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/i23908442>>. Acesso em: 02 jan. 2019.

